

CASA DE NOS TÉCNICOS

08

AGO'21

EDIÇÕES SANTA CASA

da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Conservação e Restauro de Bens Culturais

A intervenção de conservação e restauro num Compromisso da Misericórdia - 6

Painéis azulejares da antecâmara da sacristia da Igreja de São Roque - 20

Preservar, restaurar e dignificar:

Os três tempos da conservação dos Sinais dos Expostos - 30

Arrumar a Casa: Proposta para a organização das reservas do futuro museu

Casa Ásia - Coleção Francisco Capelo - 42

Intervir no Museu de São Roque - 58

Bustos-relicários da Igreja e Museu de São Roque. Tesouros escondidos - 68

1,5€

FICHA TÉCNICA

CADERNOS TÉCNICOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

Conservação e Restauro
de Bens Culturais
Volume VIII – AGO. 2021

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE LISBOA
Pessoa Coletiva n.º 500745471
Largo Trindade Coelho,
1200-470 Lisboa

REDAÇÃO

Centro Editorial
Rua Luísa Todí, 1, 1220-245 Lisboa

DIRETOR

Edmundo Martinho

DIRETOR-ADJUNTO

Maria Margarida Montenegro

SUBDIRETOR

Samuel Esteves

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Dora Santos Rosa

AUTORES

António Manuel Carmo Salgado
(Conservador-restaurador, sócio-
-gerente na empresa Arterestauro,
Conservação de Bens Culturais, Lda.)

Carolina Capucho (Conservadora-
-restauradora, Arquivo Histórico da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

Joana Cebrian Leite (Conservadora-
-restauradora, Arquivo Histórico da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

Joana Isabel Lampreia de Almeida Dias
(Conservadora-restauradora, sócia-
-gerente na empresa Arterestauro,
Conservação de Bens Culturais, Lda.)

Luís Pedro (Conservador-restaurador)

Luísa Manuela Miranda Monteiro Rebocho (Técnica de conservação e restauro na empresa Arterestauro, Conservação de Bens Culturais, Lda.)

Maria João Ferreira (Técnica superior do Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

Sílvia Linhares de Freitas Pereira (Técnica superior conservadora de museu, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

REVISÃO

Patrícia Oliveira Teixeira, Ancestra

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Cristina Cascais
(gingerandfredesigners@gmail.com)

SECRETARIADO

Antónia Saldanha

APOIO LOGÍSTICO

Bruno Galinha

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro, S.A.
Rua Padre Luís Campos, 586
4470-324 Maia

DEPÓSITO LEGAL

463356/19

ERC

127363

ISSN

2184-612X

TIRAGEM

3000

Estatuto Editorial disponível em:
<https://lojadacultura.scml.pt/publicacoes/periodicos/cadernos-tecnicos>

QUADRIMESTRAL

1,50€

**CA
DER
NOS**
TÉCNICOS

CADERNOS TÉCNICOS

da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Edmundo Martinho
PROVEDOR DA SCML

**CA
DER
NOS**
TÉCNICOS

EDITORIAL

O vasto património histórico – artístico e documental – que desde a fundação da Misericórdia de Lisboa, em 1498, tem sido reunido ao longo dos séculos, assume particular relevância quando consideramos os acervos do Museu e da Igreja de São Roque (classificada Monumento Nacional em 1910), bem como o do Arquivo Histórico.

Quem visita a Igreja ou o Museu pode conhecer coleções ímpares, incontornáveis no âmbito da Arte Sacra nacional, mas também com significativa projeção internacional. Entre elas, destaque para a coleção de relicários, um dos mais expressivos conjuntos que hoje se conhece. Ou para o magnífico "Tesouro da Capela de São João Baptista", encomendado a Roma por D. João V num momento muito particular de afirmação política do Estado e do seu monarca. Aqui se encontram notáveis exemplares de ourivesaria e uma coleção de paramentos litúrgicos verdadeiramente única no mundo.

Já no Arquivo Histórico, o vasto conjunto de Sinais de Expostos dá um marcante testemunho da história de bem-fazer da instituição. Uma história que nasce justamente dessa intenção, expressa desde a origem nas 14 Obras de Misericórdia presentes no Compromisso fundador da Irmandade de São Roque.

A valor deste legado singular torna-se irrefutável quando reconhecemos que ele ilustra não só parte do trajeto desta instituição de referência, mas também, pela sua importância e abrangência, a evolução do tecido social, económico, cultural e religioso do país, ao longo do tempo. Em resultado do seu estudo aprofundado, foram e continuam a ser possíveis novos entendimentos sobre o passado, abrindo por sua vez caminho a novos e cada vez mais integrados olhares sobre o presente.

Uma vez aceite esta evidência, com maior responsabilidade assumimos o dever de garantir a integridade de todos estes bens, mantendo vivo o testemunho que dão e preservando, para as gerações futuras, a riqueza desta valiosa herança. Não poupamos, por isso, quaisquer esforços no que a essa missão respeita: pela entrega e dedicação de profissionais de excelência, colocamos a vanguarda técnica e tecnológica não só ao serviço do estudo das coleções, mas também da sua conservação. Numa lógica preventiva, assumimos as melhores práticas, desde logo através da sua vigilância sistemática e do controlo das condições ambientais envolventes, seja no transporte e no acondicionamento das obras em espaços de reserva ou mesmo quando expostas. Dar a conhecer parte desse trabalho é o objetivo do presente volume destes nossos Cadernos Técnicos.

Devolvendo o ativo cultural da Santa Casa à população que servimos, no esforço de preservação de todas as obras mantemos simultaneamente vivos os seus mais profundos significados e significações, considerando cada peça e toda a sua história. Conscientes da importância da salvaguarda do património que nos foi confiado, somos guiados pela ideia de que todos estes bens culturais devem, em primeira e última instância, ser postos ao serviço do desenvolvimento integral do indivíduo e da própria comunidade. Assumimos como nosso esse propósito, tendo presente que será esse o mais nobre desígnio da Cultura.

Carolina Capucho

CONSERVADORA - RESTAURADORA, ARQUIVO HISTÓRICO
DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA



A INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NUM COMPROMISSO DA MISERICÓRDIA

INTRODUÇÃO

Valorizando, enriquecendo e cumprindo a sua missão de garantir a salvaguarda deste importante documento, o Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) adquiriu, no final de 2017, mais um exemplar impresso do Compromisso da Misericórdia de Lisboa, de 1516 (cota L.A. XVI. 130), que pertenceu à coleção do Dr. Francisco Gil Meneses (proveniente da antiga Livraria Van Zeller).

Segue-se a abordagem e intervenção de conservação e restauro deste exemplar.



Compromisso da Misericórdia de Lisboa, de 1516 (cota L.A. XVI. 130),
que pertenceu à coleção do Dr. Francisco Gil Meneses
(proveniente da antiga Livraria Van Zeller).

COMPROMISSO DA MISERICÓRDIA – 1516 O QUE É O COMPROMISSO? QUANTOS SE CONHECEM?

Impresso pela primeira vez a 20 de dezembro de 1516, O *Compromisso da Confraria de Misericórdia* divulgava os estatutos desta Irmandade (sustentado nas sete obras espirituais e nas sete corporais), princípios e valores que perduram e se concretizam há cinco séculos, aquém e além-fronteiras, servindo de apoio a outras confrarias pelo mundo fora.

Até ao quinto centenário da fundação da Misericórdia de Lisboa, conheciam-se apenas duas edições impressas datadas de 1516 mas, conforme se pode verificar⁽¹⁾, a primeira edição tem características que a distinguem da segunda, sendo que esta possui algumas variantes.

A primeira edição impressa apresenta, na folha de rosto (portada), uma imagem de Nossa Senhora rodeada por uma tarja (cercadura) decorada com estrelas e elementos malacológicos (conchas). A contrafação é a que apresenta características distintas da "primeira", nomeadamente na folha de rosto, com a imagem de Nossa Senhora de manto aberto e cercadura de motivos fitomórficos (vegetalistas) e zoomórficos. Nas várias edições o texto é idêntico, diferindo os caracteres tipográficos e, pontualmente, as cores da impressão dos títulos ou das letras iniciais.

CONTRAFAÇÃO

O Compromisso da Misericórdia de Lisboa foi impresso pela primeira vez em 1516.

Esgotada a primeira edição do Compromisso, foi impresso um novo exemplar, com o mesmo conteúdo informativo mas com pequenas alterações, nomeadamente nos elementos decorativos, nas iniciais e nos tipos de letra. Para assegurar a aceitação deste impresso, o novo tipógrafo manteve o pé de imprensa, ou seja, o local de impressão (Lisboa), nome do impressor (Valentim Fernandes e Hermão de Campos) e data de impressão (20 de Dezembro de 1516). É por esta razão que os investigadores, como Helga Maria Jüsten, lhe atribuem a designação de contrafação⁽²⁾.

⁽¹⁾In MONTENEGRO, Maria Margarida (coord. geral) – *Um Compromisso para o futuro. 500 anos da 1.ª edição impressa do Compromisso da Confraria da Misericórdia* [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 31-77. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW: https://backoffice.scm1.pt/wp-content/uploads/2020/04/2020-03-16113958_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33f45b2c1a-b8ce-447e-ae0f-cb144b0df8ff3DC9A224-0775-49E2-87A9-934B84610916storage_imagept1.pdf.

⁽²⁾In MONTENEGRO, Maria Margarida (coord. geral) – *Um Compromisso para o futuro. 500 anos da 1.ª edição impressa do Compromisso da Confraria da Misericórdia* [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 79-120. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW: https://backoffice.scm1.pt/wp-content/uploads/2020/04/2020-03-16113958_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33f45b2c1a-b8ce-447e-ae0f-cb144b0df8ff3DC9A224-0775-49E2-87A9-934B84610916storage_imagept1.pdf.

Reconhece-se facilmente o exemplar da contrafação porque, logo no frontispício, apesar de ter sido utilizada a mesma tábua de impressão com a representação de Nossa Senhora da Misericórdia – onde já se verifica uma fenda vertical, localizada à direita do observador – foram introduzidos novos elementos, como as cercaduras e o título, este último constituído por tipo e corpo de letra distintos da primeira edição.

A CONSERVAÇÃO E RESTAURO A ÉTICA DO CONSERVADOR RESTAURADOR

Qualquer intervenção de conservação e restauro deve ir ao encontro da ética profissional, no sentido do *princípio da intervenção mínima*, garantindo, na medida do possível, a *reversibilidade das intervenções*, utilizando materiais que permitam uma diferenciação do original, desde que não ponham em causa a leitura e integridade do documento histórico, autêntico e objeto estético.

No Arquivo Histórico da SCML estas premissas são seguidas com rigor, assegurando-se a atualização de conhecimentos, bem como a informação em relação aos materiais e práticas de intervenção de conservação e restauro. Esta é uma área de atuação que carece de uma permanente pesquisa, investigação e cooperação interinstitucional.

AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Avaliar e diagnosticar o estado de conservação permite-nos conhecer as características particulares do documento, os seus materiais, as causas de deterioração e, assim, encaminhar-nos para as melhores soluções na intervenção.

Cada documento é único por si só e tem um cunho histórico específico no que diz respeito às suas vicissitudes. Este Compromisso não é exceção e a intervenção de conservação e restauro é, também ela, única e diferenciada.

Apesar de, no Gabinete de Conservação e Restauro do Arquivo Histórico, ainda não termos disponíveis meios de exame e análise diferenciados, o conhecimento histórico da utilização dos materiais permite-nos saber quais as técnicas e materiais mais indicados para a intervenção.

Logo na primeira abordagem ao documento verificaram-se diversos restauros anteriores que, apesar de serem intervenções que atualmente não se praticam, são de louvar por terem cumprido a função de minimizar as perdas de material, assegurando a estabilização física do suporte de papel que nos chega, passados quase 500 anos após a sua impressão.

Apesar dos processos de degradação biológicos, físicos e químicos de qualquer material orgânico, os agentes de deterioração externos são, para o papel de fibras têxteis, os maiores responsáveis pela sua degradação.

Quimicamente, este documento apresenta uma ligeira acidificação que resulta da hidrólise da celulose, decorrente do envelhecimento dos seus componentes, provocando um ligeiro amarelecimento das fibras. O agravamento desta situação é provocado pela interação do suporte com os pigmentos impressos e manuscritos, tendencialmente ácidos, e pela ação fotoquímica dos raios ultravioletas.

Numa nota menos técnica e de âmbito mais alargado, é importante reforçar a ideia de que estes documentos, impressos em papel, utilizam papéis de fibras têxteis, resultado da manufatura do algodão e do linho, entre outras. Naturalmente, após a sua produção, resulta um papel de uma tonalidade bege/amarelada, tonalidade natural das fibras sem tingimento ou branqueamento, como fomos habituados nos últimos séculos.

Quanto à degradação biológica, não existe qualquer ação fungicida ativa, o que nos tranquiliza por ser umas das causas de deterioração em que é mais difícil intervir e em relação à qual, ainda nos dias de hoje, não é possível garantir a definitiva eliminação. Por outro lado, existem galerias de insetos que resultaram em lacunas (perdas físicas) pontuais nos fólhos, apesar da infestação já não estar ativa.

A degradação física é aquela que nos traz mais preocupações, no sentido em que existe grande perda de material em diversos fólhos, assim como deformações, rasgões, vincos, dobras, sujidade impregnada, dejetos de mosca e outros insetos. A presença de intervenções de restauro anteriores criam, pontualmente, tensões desadequadas que têm de ser eliminadas e que podem pôr em causa parte do original, principalmente nas áreas em que existe texto impresso e manuscrito.

Não chegando até nós com encadernação, podemos verificar apenas que este exemplar terá sido alvo de diversas intervenções anteriores com diferentes tipos de costura, sendo uma delas a costura original e duas que parecem ter sido realizadas no sentido de acrescentar fólhos, considerando que terão sido destacadas por ação do manuseamento.

A INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

A primeira etapa de qualquer intervenção de conservação e restauro é sempre a **higienização**. Com este procedimento torna-se possível a remoção dos agentes externos responsáveis por grande parte da degradação, como são os cabelos, as poeiras, e os detritos de insetos, que potenciam o aparecimento de infestantes, a fixação de humidade, bolores, fungos e o aumento da acidez do suporte.

É nesta etapa que se conhece o documento ao pormenor e se reavalia a proposta de intervenção.

"(...) a higienização fez-se com recurso a trincha de cerdas muito suaves, com uma sonda metálica (...)"



No Compromisso que aqui analisamos, a **higienização** fez-se com recurso a trincha de cerdas muito suaves, com uma sonda metálica e, pontualmente, com recurso ao bisturi em auxílio da sonda.

Posteriormente é realizada a verificação da **solubilidade dos pigmentos**, que permite garantir que as intervenções propostas durante a avaliação do estado de conservação são as adequadas. Caso os pigmentos se revelem solúveis, é necessário reavaliar o plano proposto, percebendo se será fundamental a sua fixação (temporária ou definitiva), que impacto é que vai ter no suporte e se serão necessários equipamentos específicos para a intervenção. Poderá ser essencial alterar por completo a metodologia ou até, em determinados casos, não intervir.

Nesta impressão do Compromisso da Misericórdia de Lisboa confirmou-se a não solubilidade dos pigmentos, podendo dar-se seguimento à intervenção proposta.

Seguiu-se a **desmontagem** do corpo do livro, com respetivo registo na ficha de colação (onde se anotou a estrutura dos fôlios e o tipo de costura). Como a linha de costura já não apresentava estabilidade física, parte da original foi guardada, para posterior seleção da nova linha e para ser anexada ao relatório de intervenção.

A desmontagem dos cadernos implicou uma intervenção na lombada, com recurso pontual de humidade, através da colocação de cola de amido, uma etapa morosa, dificultada pela quantidade de adesivo presente sobre a linha de costura. À medida que foi possível amolecer os adesivos, foi também viável a desmontagem dos cadernos com recurso a bisturi, espátula e pinça.

A **limpeza mecânica** ou a **limpeza por via húmida** são processos invasivos que implicam, no caso da primeira, uma ligeira erosão da superfície e, no caso da segunda, uma alteração da composição química do material. A limpeza por via húmida permite restabelecer o equilíbrio químico dos componentes.

A ação mecânica da *Smoke Sponge*[®] e *Rubgum*[®] em movimentos suaves e circulares foi considerada vantajosa por promover a remoção da sujidade superficial e assim aumentar o impacto positivo da limpeza por via húmida. Esta ação é acompanhada pela remoção frequente dos resíduos, com uma trincha.

A limpeza por via húmida (erradamente designada em alguma bibliografia por limpeza química ou desacidificação) é um processo realizado por imersão ou contacto em água. Permite reidratar as fibras do papel, recuperando a sua natureza flexível. Deste modo, a água surge como um veículo para a remoção dos produtos da degradação do papel e dos componentes que lhe são estranhos. Ao serem realizadas diversas mudas da água de limpeza, os produtos de degradação foram sendo eliminados, criando-se, como referido, um equilíbrio químico.

Durante a imersão, ao serem removidos os restauros anteriores, garantiu-se uma melhor resposta do suporte sem perigo de perda do documento original, principalmente onde existia texto impresso ou manuscrito. Para este procedimento foram realizados quatro banhos de imersão, com os fólhos intercalados em *Reemay*[®] e *Evolon CR*[®], sendo o primeiro banho em água fria e os restantes em água tépida.

O primeiro banho permitiu destacar fitas adesivas, mas não os adesivos que, devido à sua natureza, eram de difícil remoção. Com a água tépida foi possível remover os restauros e adesivos, quase na totalidade.



“Com a água tépida foi possível remover os restauros e adesivos, quase na totalidade”.

Após a limpeza via húmida, todos os fólhos foram deixados a secar ao ar. Os adesivos que não foram possíveis eliminar anteriormente, foram removidos mecanicamente após a secagem.

Seria interessante uma abordagem crítica à **limpeza química** na área da conservação e restauro de documentos gráficos, no entanto, não é esse o tema aqui proposto. Entendemos por limpeza química qualquer ação que, com recurso a solventes químicos, permita eliminar do suporte gráfico elementos responsáveis por parte do processo de degradação. Contudo, por condicionarem a natureza, a integridade, a leitura estética e a intervenção ética do conservador restaurador, só avançamos com esta intervenção quando existem mais vantagens que desvantagens.

Nesta intervenção de conservação e restauro optámos por não realizar nenhuma limpeza química, nomeadamente sobre os adesivos das fitas. Estes agentes químicos iriam apenas diminuir a "mancha", mas não cumpriam o requisito da intervenção mínima, nem traziam vantagens à leitura do original, reduzindo, a longo prazo, a resistência física e química do papel, já por si fragilizado. Além disso, será efetuada uma reprodução, pelo que a leitura que é possível fazer presentemente será consultada no futuro.

A **alcalinização** ou a dotação de carga alcalina dos suportes em papel tem a vantagem de permitir um equilíbrio químico do suporte orgânico que, com o tempo, acidifica. Dos vários métodos existentes, aquele que melhor se adequou a este documento foi a alcalinização por imersão numa solução de água e hidróxido de cálcio em pH 8. Após a secagem ao ar, o suporte adquiriu um pH próximo da neutralidade assegurando maior longevidade ao Compromisso.

À alcalinização seguiu-se a **encolagem**, reproduzindo um processo que faz parte da produção do papel e implica a adição de um aglutinante que prepara a superfície para receber as tintas manuscritas ou de impressão, sem que estas percam a sua definição. No século XVI, a encolagem do papel derivava de gelatina animal que, com o passar dos anos, perde as suas propriedades e vai sendo eliminada naturalmente ou por agentes não visíveis (fungos proteolíticos). A ação da humidade e do calor podem potenciar o surgimento gradual de fungos e bactérias, enfraquecendo o suporte.

Com o restauro, e após as intervenções com recurso a água, a gelatina é removida, sendo crucial proceder a uma nova encolagem do documento. Neste caso, a opção consistiu na aplicação de cola de amido de trigo purificada⁽³⁾, utilizada em diferentes concentrações ao longo da intervenção. Aplicou-se uma solução a 2% em água, com trincha, pelo método da bandeira inglesa, sobre uma folha de *Reemay*[®], com secagem dos fólhos ao ar.

Para garantir maior resistência física do suporte e permitir a sua fruição, foi realizado o **reforço integral** dos fólhos, com papel japonês *Spider Tissue*[®] de 5 gr/m². O reforço foi colocado pelo lado posterior dos fólhos, sendo a secagem realizada com recurso a uma tábua laminada, adequada ao processo de planificação.

⁽³⁾ A cola de amido é flexível, de origem vegetal, compatibilizando-se com as fibras vegetais do papel, sendo resistente, reversível e pouco fotossensível.

Após a secagem, e ainda na tábua, procedeu-se à **reintegração/preenchimento das lacunas** ao nível do suporte, aplicando papel japonês de fabrico manual e gramagem idêntica à do original. Para tal, o papel de reforço foi previamente desfibrado, conforme o formato das lacunas ou, em alguns casos, preenchendo as lacunas com o referido papel japonês, sendo este aparado após a secagem.

Como este exemplar foi muito manuseado e não se encontrava encadernado, os fólhos apresentavam-se muito fragilizados. Por este motivo, foi necessário proceder a um segundo reforço, com a aplicação do *Tissue*® na face oposta, ficando os fólhos duplamente reforçados.

É importante referir que, no caso das folhas em falta, foram colocadas folhas de papel japonês (de idêntica gramagem e tonalidade), para completar os cadernos.

Os fólhos não apresentavam um corte linear mas é de suma importância que se mantenha esta realidade, pelo que não foram cortados a direito, mantendo a sua herança histórica. Não tendo chegado até nós as folhas de guarda, essenciais à composição de uma encadernação, as mesmas foram acrescentadas com papel japonês idêntico ao dos fólhos em falta.

O passo seguinte consistiu na **montagem dos cadernos** e sua **costura**. Para esta tarefa seleccionou-se uma linha de linho (passada por cera de abelha, conforme se fazia à época), com espessura idêntica à de origem, a qual foi anteriormente removida. A costura foi efetuada com recurso a novos nervos em pele e aproveitando as mesmas zonas de furação existentes nos cadernos.



“Após a costura foi realizada uma tranchefila, na cabeça e no pé do corpo do livro”.

Após a costura foi realizada uma tranchefila, na cabeça e no pé do corpo do livro, para assegurar a união dos vários cadernos com a encadernação.

O objetivo de qualquer encadernação é, essencialmente, o de proteger o miolo do livro. Como este exemplar foi adquirido sem esta proteção, tornou-se essencial proceder à elaboração de uma nova **encadernação**. Sendo da primeira metade do século XVI esta versão impressa do Compromisso da Misericórdia, e tendo em consideração a relevância do seu conteúdo, é muito provável que a encadernação original fosse em pele ou pergaminho, com as respetivas guardas.

Dado o valor histórico deste volume, optou-se por uma encadernação em pergaminho (*Limp vellum binding*), cujos nervos atravessam a capa, permitindo a união das duas partes: corpo e capa, formando então o livro. Neste tipo de encadernação, a pele utilizada terá de fazer coincidir a direção do dorso do animal com a lombada, sendo que o "lado da carne", menos resistente, fica junto às guardas.

A estrutura deste Compromisso inclui dois cartões *acid-free* que garantem maior estabilidade da encadernação, badanas que protegem o corte da frente, assim como atilhos em pele que permitem encerrar o volume.

O **condicionamento** deste exemplar foi realizado numa caixa conservativa em cartão *acid-free*, respeitando as definições ISO para conservação em arquivos e museus, com dois berços de *k-line*®, forrados com papel *acid-free*, assegurando melhores condições de conservação.



"A estrutura deste Compromisso inclui dois cartões acid-free que garantem maior estabilidade da encadernação, badanas que protegem o corte da frente, assim como atilhos em pele que permitem encerrar o volume."



"Dado o valor histórico deste volume, optou-se por uma encadernação em pergaminho (Limp vellum binding)".

CONCLUSÃO

Inúmeros são os desafios da intervenção de conservação e restauro num impresso deste valor histórico, acrescido do comportamento dos materiais orgânicos e das vicissitudes dos seus quinhentos anos.

Logo à partida, deparámo-nos com restauros anteriores, meritosos mas que seria importante descartar, de modo a permitir uma intervenção adequada neste cimélio.

Foi desafiante a reconstituição física de lacunas, nas quais o papel tinha um comportamento muito próprio e pouco regular. Notar-se-á, ao longo do conjunto, que alguns dos preenchimentos são menos uniformes que outros, por ser necessário garantir um equilíbrio entre as deformações de origem, as adquiridas e as novas adições de papel, tendo-se optado por seccionar, pontualmente, o preenchimento das lacunas.

Restaurado, encadernado e acondicionado, este volume ainda permitirá avançar com novas investigações e conhecer melhor a história desta Instituição.

Digo, no fim desta intervenção, que foi um privilégio poder abraçar tamanha responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONTENEGRO, Maria Margarida (coord. geral) – Um Compromisso para o futuro. 500 anos da 1.ª edição impressa do Compromisso da Confraria da Misericórdia [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 79-120. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW: <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/04/2020-03-16113958_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33f45b2c1a-b8ce-447e-ae0f-cb144b0df8ff3DC9A224-0775-49E2-87A9-934B84610916storage_imagept1.pdf>.

O Compromisso: 1516-2016. MANOEL, Francisco d'Orey (coord. execut.). [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2016. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW: <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/04/2019-04-18050129_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c3313b5a6ad-6c91-43bd-8274-701906c5b3e827BA559C-AC54-4D67-93C4-8EBDCB83F1E6storage_imagept1.pdf>.

Um instrumento português de solidariedade social no século XVI. O Compromisso da Misericórdia de Lisboa. SERRÃO, Joaquim Veríssimo (introd., coment. notas). [Em linha]. Lisboa: Chaves Ferreira-Publicações, 1992. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW: <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/11/Um-Instrumento-Compromisso-de-1520_Facsimile.pdf>.

Joana Cebrian Leite

CONSERVADORA-RESTAURADORA DO ARQUIVO HISTÓRICO DA SCML



Sinal de Gregório, criança exposta n.º 1047 de 1857

PRESERVAR, RESTAURAR E DIGNIFICAR: OS TRÊS TEMPOS DA CONSERVAÇÃO DOS SINAIS DE EXPOSTOS

Temos acesso aos Sinais de Expostos graças ao cuidado que a Misericórdia de Lisboa teve perante a sua singularidade e necessidade de **preservação**.

Durante o processo de conservação e **restauração**, não se evita uma dedicação adicional, dada a carga emotiva que carregam.

No Arquivo Histórico há um esforço contínuo para **dignificar** estes documentos e a memória de cada criança.

O CONJUNTO DE SINAIS DE EXPOSTOS PERTENCENTES AO ARQUIVO HISTÓRICO DA SCML

Os Sinais dos Expostos são constituídos pelos documentos gráficos e pelos objetos deixados com as crianças no momento em que eram entregues ao cuidado da Santa Casa, normalmente pela mão dos seus progenitores.

Os sinais constituem testemunhos únicos da origem de cada criança exposta, já que, até ao século XIX, o contexto desta entrega decorria em anonimato, por meio da Roda dos Expostos, contornando eventuais censuras morais e sociais. A roda era o local de separação entre as crianças e os seus parentes mais próximos, ficando do lado de fora uma realidade que só podemos intuir, pontuada por dor e miséria, enquanto do lado de dentro era recebida mais uma criança que, na maioria dos casos, era recém-nascida. Quem as recolhia na roda prestava os cuidados necessários para a sua sobrevivência. Posteriormente, era realizado o seu batismo e feito um registo minucioso de como a criança se apresentava no momento da entrada: os vários elementos que compunham o seu vestuário, as suas características mais marcantes e outros sinais que a acompanhavam. Estes assentos eram efetuados em livros, por ordem de chegada, constituindo uma peça fundamental para a possível entrega das crianças aos pais, já que aqui se registava a pouca identidade que possuíam.

As crianças eram entregues à Santa Casa por diversos motivos, contando-se entre eles a doença, a incapacidade de amamentar e/ou criar os filhos, ou a morte de um progenitor, entre outros.

Encontramos diversos objetos no conjunto dos Sinais de Expostos, em resultado do zelo posto em que uma determinada criança fosse indubitavelmente reconhecida entre as demais. Exemplo disso são as partes de objeto entre os sinais, cujas metades eram divididas, sendo que uma parte ficava com a criança e, a outra, com os seus progenitores. Este sistema comprovava a afinidade da criança com a família, separada. Muitos sinais estão carregados de afetividade, simbolismo e religiosidade, podendo servir de meio de proteção dos filhos.

Por vezes os menores eram reclamados passado pouco tempo. No entanto, apenas uma minoria era recuperada pelos seus parentes, porque poucos sobreviviam à primeira infância.

No Arquivo Histórico da SCML conservam-se não só os referidos Sinais de Expostos, como os livros que contêm os respetivos assentos de entrada e de batismo. Nesses registos era atribuído um número a cada criança exposta, numa sequência anual, por ordem crescente.

O conjunto de Sinais de Expostos, patente no Arquivo Histórico, abrange os séculos XVIII, XIX e XX, somando mais de 87 mil sinais, que se distribuem num total de 198 caixas de arquivo e 14 livros. Nas caixas de arquivo constam aqueles que, outrora, estiveram agrupados em maços (trespassados por uma linha, de modo a respeitar a ordem de entrada) e, a partir de 1913, passaram a estar aplicados diretamente nos Livros de Entrada e Batismo.

Embora a maioria do conjunto de Sinais de Expostos esteja compreendida entre as datas de 1790 a 1926, somam-se mais dez, anteriores a esse período, sendo que o mais antigo é do ano de 1658.

A IMPORTÂNCIA DA EQUIPA DO ARQUIVO HISTÓRICO NA PRESERVAÇÃO DESTA COLEÇÃO

O Arquivo Histórico tem como missão preservar a memória da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e, como todos os arquivos, começou com o ato de seleccionar e reunir informação, o que torna possível reconstituir a identidade desta instituição, criada no final do século XV.

A memória reunida passa por diversos processos – tais como a seleção, organização, descrição e conservação da informação – que permitem, em conjunto, um melhor estudo do passado.

A disponibilização da informação aos utilizadores, o apoio à investigação e a publicação de estudos relacionados com a Santa Casa, preconizam também a missão de preservação do acervo, já que o promovem. Deste modo, essa preservação depende de esforços diários, metódicos e necessários, que possibilitam uma continuidade no acesso aos documentos e à sua informação, sendo que a "selecção de estratégias de preservação deve ter em conta diversos factores como as características intrínsecas dos objectos, o custo de implementação e manutenção, os interesses do arquivo e da sua comunidade de interesse, entre outros. Para diversos autores este último ponto é de extrema importância. A informação terá pouca utilidade se não for preservada e disseminada de acordo com as necessidades da sua comunidade de interesse" (FERREIRA, 2006).

A equipa do Arquivo Histórico inclui duas conservadoras-restauradoras que se ocupam do controlo das condições ambientais, providenciam o acondicionamento mais adequado para cada espécie e realizam os tratamentos de conservação e restauro planeados e os de intervenção urgente. Estas conservadoras-restauradoras orientam três auxiliares na higienização e acondicionamento da documentação, sendo de considerar também uma colaboradora que é responsável pela manutenção da limpeza de toda a zona de depósitos.

Embora cada colaborador tenha funções específicas, é frequente verificar-se a entreajuda e readaptação aos vários postos, em prol do bom funcionamento do serviço. Esta postura promove a preservação da documentação e a eficaz recuperação da informação que contém.

Há esforços que são esperados, como a disponibilização de documentação aos utilizadores da Sala de Leitura, acompanhada pela orientação das boas práticas na consulta da documentação histórica, dando resposta a cada pedido com todo o empenho. Parece transversal a todos os colaboradores uma ligação afetiva com a documentação que diariamente lhes passa pelas mãos. É frequente que a equipa

de conservação e restauro seja alertada para uma lombada que está em vias de destacamento, para este ou aquele rasgão ou, até, para a iminência de um ataque biológico, havendo uma vistoria constante e a contribuição de todos para o bom estado do acervo.

Esta preocupação espontânea surge do exemplo que vem da própria chefia: o diretor do Arquivo Histórico que denomina a documentação por "crianças" e trata-a mesmo como tal. Um cuidado que não lhe dá descanso, considerando todos os "ses" para evitar ao máximo qualquer perda. De facto, os Sinais das Crianças Expostas não podiam estar em melhores mãos. Quantos colaboradores do Arquivo Histórico continuam a dar colo a estas "crianças" e a emocionar-se com um pequeno objeto mais sentimental ou com uma informação marcante que surge... E quantos são aqueles que trazem dores no corpo, mas não se negam a carregar mais um peso ao ajudar algum colega, nascendo novos sorrisos, porque afinal temos "crianças" para cuidar...

AS ETAPAS NA CONSERVAÇÃO E RESTAURO DOS SINAIS

Quando é selecionado um Sinal de Exposto para ser intervencionado no Gabinete de Restauro do Arquivo Histórico, num primeiro momento é preenchida uma ficha de intervenção, onde se faz a identificação do documento e o levantamento do seu estado de conservação, bem como a devida proposta de tratamento. Depois são feitas fotografias, para que fiquem registados alguns pormenores do estado geral dos diferentes objetos que o constituem.



*Fotografia
exemplificativa da fase
de limpeza superficial*

Os vários elementos do sinal são libertos uns dos outros, através da remoção de alfinetes ou das linhas de costura que os ligam. Iniciam-se os tratamentos com a limpeza superficial dos documentos gráficos, com o recurso a trinchas e a diferentes tipos de borracha (cuja seleção depende da integridade dos suportes), utilizando lâminas de bisturi na remoção de sujidades agregadas. Naqueles casos em que não se verifica a solubilidade das tintas, mediante um teste prévio, opta-se por uma limpeza por via húmida, que poderá ocorrer por diversos métodos: imersão, aplicação de água corrente, por contacto com papel mata-borrão embebido em água, etc.. Estes métodos adaptam-se às características e necessidades de cada documento, tal como a temperatura da água a aplicar. Idealmente a limpeza conseguirá remover ou atenuar as manchas que afetam a leitura do grafismo e devolve propriedades físicas aos suportes de papel. Esta torna-os mais resistentes e flexíveis, reduzindo tensões e evitando que se mantenham quebradiços. Com o intuito de melhorar as propriedades químicas dos suportes em papel, pode haver necessidade de se atribuir uma solução com água de cal, utilizando os mesmos métodos acima referidos, de modo a que a carga alcalina contrarie a tendência natural que estes têm para acidificar.



Depois de secos, os suportes têm de ser encolados, pela aplicação de gelatina ou de colas utilizadas na conservação e restauro de documentos gráficos (que respeitam o Princípio de Conservação e Restauro quanto à reversibilidade dos materiais), para repor as colas que fazem parte da sua composição e que possam ter sido removidas na limpeza por via húmida. Consoante o estado de conservação que o documento apresenta, são ou não colados reforços em papel *tissue* ou japonês, para consolidar rasgões e preparar a reintegração do suporte, preenchendo-se as eventuais lacunas

com papel japonês, de cor e espessura semelhantes ao suporte original. Estando num contexto de arquivo e respeitando o Princípio de Intervenção Mínima, não se avança para restauros na camada pictórica, ou seja, não se efetuam reintegrações cromáticas, nem repintes.



Normalmente aproveitam-se as etapas em que se adiciona humidade aos suportes para planificá-los durante a sua secagem, a qual se consegue mediante a colocação de tábuas de madeira e pesos por cima.

Os elementos têxteis são limpos com pincéis e, quando possível, com água corrente e uma esponja embebida numa solução de água e sabão de seda, com posterior aplicação de água destilada, antes da sua secagem. Por vezes verifica-se a necessidade de consolidar estes elementos, pelo que se utilizam pedaços de tecido de organza, sobrepostos nas zonas com maior desgaste ou lacuna, impregnados com cola, cuja adesividade é ativada com uma espátula quente.

Os elementos metálicos são limpos com algodão e borracha. Os restantes materiais que se apresentam nos sinais são limpos apenas superficialmente.

Quando estão terminados os tratamentos, os elementos que compõem o sinal duma criança exposta são dispostos numa pasta de cartão *acid-free*, ficando aí fixos com tiras de *Melinex*®. Este acondicionamento permite a correta preservação dos vários suportes considerando as suas características, pois a altura das pastas pode variar consoante a espessura máxima dos objetos e confere áreas reservadas através de aberturas à medida.

Sinal da criança exposta n.º 307
do ano de 1806:



Frente



Verso

Sinal da criança exposta n.º 1737
do ano de 1857:



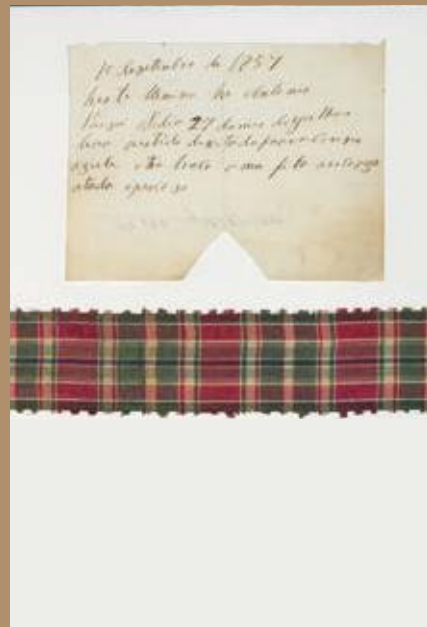
Frente



Verso



Sinal já restaurado e colocado na pasta
de acondicionamento



Sinal já restaurado e colocado na pasta
de acondicionamento

Sinal da criança exposta n.º 1561 do ano de 1866:



Frente



Verso



Sinal já restaurado e colocado na pasta de acondicionamento

O PROJETO DE CANDIDATURA DOS SINAIS DE EXPOSTOS A REGISTO DE MEMÓRIA DO MUNDO DA UNESCO

O Arquivo Histórico da SCML conserva uma série documental de Sinais de Expostos, que se estende do final do século XVIII ao início do século XX, praticamente sem lacunas, sendo detentor de um dos espólios mais significativos deste género.

Em 2017 deu-se início aos trabalhos de digitalização e registo fotográfico do conjunto de Sinais de Expostos, com vista à sua divulgação mais alargada, nomeadamente à candidatura no programa da UNESCO a Registo de Memória do Mundo (*Memory of the World*⁽¹⁾).

Os trabalhos de digitalização incidem em todos documentos gráficos e objetos que compõem os Sinais de Expostos, de modo a que fique registada não só a variedade dos mesmos, mas também a forma como se apresentam. Por exemplo, na maior parte dos casos, quando os sinais contam com objetos, estes estão cosidos aos documentos que os acompanhavam. No processo de digitalização é efetuado o registo inicial e é também realizado o registo após a remoção da costura, quando os objetos ou a própria costura dificultam a leitura do documento. Aproveita-se esta separação para se proceder às fotografias dos objetos que tenham uma tridimensionalidade significativa, cujo assento se processa com a recolha de 36 fotografias (de 10 em 10 graus de rotação), sequência que permite a perceção do objeto a 360º.

Quando se digitaliza ou fotografa algum sinal, este é isolado do restante conjunto e, neste foco de atenção, não só se produz um registo digital com vista à preservação da sua informação documental por inteiro, como lhe é dada uma hipótese de se fazer notar. Por um lado, há uma complementaridade arquivística e, por outro, há uma valorização individual dos elementos que constituem os Sinais de Expostos. Não é demais referir a importância que o conjunto encerra, sendo uma documentação que é rara noutras instituições pela suscetibilidade dos suportes, pela falta de investimento na sua preservação e por terem sido eliminados, por não lhes ter sido atribuído valor informativo e cultural.

A divulgação de um tão importante acervo é não só uma garantia do prolongamento da sua conservação, como também da devolução da dignidade a cada documento. Há o cuidado para que se digitalize o modo como eles se apresentavam originalmente, para que seja do conhecimento de todos esse pormenor histórico. E o cuidado continua, quando há a preocupação técnica e estética para que cada um fique registado com a maior leitura possível, não descurando a possibilidade de serem valorizadas as suas características mais particulares. Assim sendo, durante estes trabalhos desenvolve-se a possibilidade de dignificar cada documento deste acervo, do ponto de vista material e imaterial, na medida em que se conservam, também, as memórias de cada criança exposta.

⁽¹⁾ Mais informações em: <https://en.unesco.org/programme/mow/>



Seleção de nove imagens que compõem a sequência do registo fotográfico a 360° do Sinal de Gregório⁽²⁾, criança exposta n.º 1047 de 1857, que inclui dois bentinhos de Nossa Senhora das Dores, com um cordão de linha castanha e branca

⁽²⁾ Esta criança terá sido entregue com nove meses de idade (deu entrada em Maio de 1857 e consta que nasceu no dia 8 de Agosto de 1856).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Miguel – *Introdução à preservação digital: Conceitos, estratégias e actuais consensos*. Guimarães: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006. ISBN 978-972-8692-30-8

BRANDÃO, Elvira; OLIVEIRA, Maria Helena (coord. geral) – *Os expostos da roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2001. ISBN 972-98004-6-4. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/04/os_expostos_da_roda_da_scml-2.pdf>.

MANOEL, Francisco d'Orey; COLEN, Maria Luísa Guterres Barbosa; Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (coord.) – *Inventário da criação dos expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1998. ISBN 972-96957-5-X. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/04/inventario_da_criacao_dos_expostos_da_scml.pdf>.

MONTENEGRO, Maria Margarida (coord. geral) – *Visitação. O Arquivo: Memória e Promessa* [Em linha]. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2014. ISBN 978-989-8712-07-3. [Consult. 23-12-2020]. Disponível na WWW <URL: https://backoffice.scml.pt/wp-content/uploads/2020/04/2020-03-16114222_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33f45b2c1a-b8ce-447e-ae0f-cb144b0df8ff353F2049-3619-4131-9A9D-2845E8F1C241storage_imagept1.pdf>.

**CA
DER
NOS**
TÉCNICOS

CADERNOS TÉCNICOS

O que são os Cadernos Técnicos

Os **Cadernos Técnicos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa** são uma publicação temática de natureza técnica sobre as áreas de intervenção da SCML. Visam divulgar o conhecimento e a experiência dos serviços e dos seus profissionais, assim como o de outras instituições ou especialistas com ação congénere.

Publicação quadrimestral, este projeto editorial promove a partilha e disseminação de boas práticas e constitui-se como um repertório de informação especializada sobre Ação Social, Saúde, Educação, Cultura, Património, Neurociências, Economia Social, entre outras áreas relevantes da SCML.

edições

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa